

OFICIAL



São Paulo

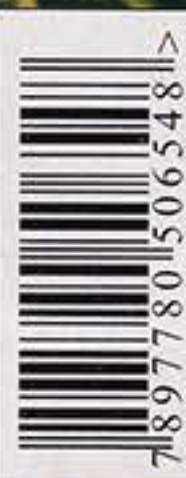
NOTÍCIAS

A REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO F. C. / PÔSTER OFICIAL

APENAS
R\$ 1,90



São Paulo Notícias Especial Nº 2



TRICOLOR O CAMPEÃO DA DÉCADA

91-92
98-2000



SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

Presidente do Conselho Deliberativo
Paulo Planet Buarque

Presidente do Conselho Consultivo
Ives Gandra da Silva Martins

Presidente de Conselho Fiscal
Antônio Irineu Perinotto

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente
Paulo Amaral Vasconcelos

Vice-Presidente
Ademar de Barros

Diretor Secretário-Geral
Affonso Renato Meira

Diretor Administrativo
Adriano Augusto da Costa Filho

Diretor Financeiro
Rogério Langanke Caboclo

Diretor de Planejamento e Controle
Rodolpho Otto-Schmidt

Diretor de Futebol Profissional
José S. Dias da Silva

Diretor Jurídico
Francisco de Assis V. Pereira da Silva

Diretor de Esportes Amadores
Paulo Eduardo Mutti

Diretor Social
Hélio Curado de Toledo César

Diretor de Manutenção
Ubirajara Jarbas de Souza

Diretor Comercial e de Marketing
Carlos Alberto Salvatore Filho

Diretor de Obras
Paulo Azevedo Marques de Saes Filho

Diretor de Futebol Social
Nilton Cerullo Júnior

Diretor de Comunicação
Eduardo Alfano Vieira

SÃO PAULO NOTÍCIAS

Diretoria de Comunicação

Editor
João Prado Pacheco

Reportagem
Walter Lacerda, Carlos Bortole, Juca Pacheco Neto, Cíntia Savino Gagliardi, com fotos AE, Fúlvio J. Marques, Arnaldo Fiaschi e SPFC

Produção
Trama Editorial Ltda.

Arquivo Histórico
Agnelo Di Lorenzo

Distribuição
Fernando Chinaglia

São Paulo Futebol Clube
Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Praça Roberto Gomes Pedrosa, 1 - CEP 05653-070
Telefone 11 3749-8000

(São Paulo Notícias Especial nº2)

SÃO PAULO O CAMPEÃO

Que Santos, que Corinthians, que Palmeiras, que nada! O campeão paulista de 2000 é o São Paulo, é o Tricolor, é o Mais Querido, é o Tricolor! É o campeão da década! É o campeão da virada do Século!

O Santos foi o último a cair; o Corinthians o penúltimo; a Portuguesa o antepenúltimo; o Palmeiras, lá longe, na segunda rodada da primeira fase. Todos, enfim!

O Santos imaginou que poderia vencer as finais, coitado!

Esqueceu-se que do lado de cá estavam Rogério 'Magnífico' Ceni, Belletti-Forlan, Edmilson, Rogério Pinheiro e Fábio Aurélio; Maldonado, Vágner, Raí (Fabiano) e Marcelinho-Motorzinho; Edu (Carlos Miguel) e Evair (Sandro Hiroshi).

Todos foram nota 10 na finalíssima contra o Santos, mas Rogério Ceni foi mais do que 10. Foi 100, foi 1000, foi milhão! Ele desequilibrou. Além de defender bolas difíceis, principalmente



só na história do São Paulo, mas também do Campeonato Paulista. Nunca, desde 1902, quando o campeonato começou a ser disputado, um goleiro havia decidido uma final fazendo um gol. Um gol não, um golaço!

No sufoco, o Santos cavou um pênalti e fez 2 a 1, no começo do segundo tempo. Ficamos apreensivos, claro. Aí foi a vez de Marcelinho-Motorzinho 100% Paraíba liquidar a fatura, com outro belíssimo gol de falta. Ele tomou longa distância, dando a entender que largaria um 'balaço'. Mas enganou Carlos Germano. Chutou colocado, mais fraco do que tinha sinalizado, porém forte o suficiente para o santista tocar sem conseguir desviar o trajeto da bola. Ela entrou no ângulo superior direito do goleiro. Exatamente onde a coruja faz o ninho!, como diz aquele ditado. Ou onde o Judas perde as botas! Ah! Ah! Ah!



**É Tricolor, É Tricolor,
Olê, Olê, Oláá!!!**

**É Tricolor, É Tricolor,
Olê, Olê, Oláá!!!**

naqueles escanteios de desespero do Santos, ele fez o gol do jogo. Aos 39 minutos do primeiro tempo, quando o Santos vencia por 1 a 0, Rogério cobrou magistralmente uma falta sofrida por Edu. A bola bateu no travessão, perto do ângulo superior esquerdo do goleiro, parte debaixo, tocou no chão já dentro do gol e, para confirmar, subiu às redes, enquanto Carlos Germano, incrédulo, caía. Um gol fantástico, para ficar não

Até que o Santos não tem o que reclamar. Já poderia ter morrido na primeira final, quando, por justiça, o placar deveria ter sido maior do que foi. Se em vez de 1 a 0 fosse 2 a 0 ou mesmo 3, Giba e seus comandados entregari-

PAULO DA DÉCADA



am os pontos antes, reconhecendo a superioridade tricolor, sem ter de expor a paixão dos seus torcedores em demasia.

Mas quis o destino que fosse 1 a 0 e que os peixeiros passassem a semana com um fio de esperança. Fio de Esperança, entretanto, é apelido de Telê Santana e Telê Santana lembra duas coisas: São Paulo F.C. e Levir Culpi, um técnico que também veio de Minas para brilhar em São Paulo.

Mas voltemos à injustiça daquele 1 a 0 do dia 10 de junho.

França fez um gol logo dos 45 segundos – numa jogada maravilhosa iniciada por Raí, dele para Edu, devolução de calcanhar, Raí num toque só a Marcelinho, que, esperto, divisou França entrando pelo meio. O artilheiro apareceu e mandou forte, indefensável. Carlos Germano só olhou e reclamou. O Santos, então, jogou no desespero durante os 'restantes' 89 minutos e 15 segundos. Atacou, atacou, atacou, mas sem efetividade. Na verdade, criou apenas uma grande chance de gol, uma cabeçada de André Luís magnificamente defendida por Rogério.

De resto, as oportunidades de gol foram do Tricolor. Marcelinho, Edu, o próprio França e a maior de todas, perdida por Raí, após receber passe magistral de França. Todo mundo fez certo, mas a bola teimou e quis sair por cima. Bola que se arrependeu na segunda final, aceitando dar dois beijos na coruja onde ela faz o ninho. Um a mando de Rogério; o outro, de Marcelinho.

Ao Santos restou o consolo de pelo menos ter chegado à praia para morrer.

Corinthians? Estamos vingados!

A conquista do nosso 20º título de campeão estadual foi vibrante, fantástica e também vingadora.

atípicos ou de pênaltis perdidos... Mas desta vez a sorte não foi madrasta. Foi justa, não pendeu para ninguém.

Prevaleceu, então, a incansável versatilidade



dora, porque estávamos 'entalados' com o Corinthians na garganta. Tínhamos perdido duas semifinais para eles no ano passado e não podíamos perder a terceira. Já pensaram se a sorte nos faltasse outra vez? – através de resultados

de Marcelinho (dois gols nos 2 a 1 da primeira semifinal), a crescente eficiência de Edu (dois gols nos 2 a 0 da segunda semifinal), a categoria do artilheiro França, que se não faz, serve, a classe e o equilíbrio de Raí, a magia inebriante de Vágner, a raça de Belletti-Forlan, a agilidade elegante de Edmilson, a determinação de Rogério Pinheiro, voltando de um tempão fora do time por contusão, a agressividade dinâmica de Fábio Aurélio, a eficácia do chileno Maldonado, a regularidade de Fabiano, a experiência de Evair, a visão de jogo diferenciada de Souza, a categoria de Carlos Miguel, a rapidez de Sandro Hiroshi..., sem falar no magnífico, fantástico e brilhante futebol do goleiro-artilheiro Rogério.

O Corinthians teve de se curvar. Percebeu que ali não estava enfrentando o campeão da Arábia, da Concacaf, da África do Sul, da Oceania, da Europa e que tais. Percebeu, naquelas semifinais, que era o São Paulo. Aquele São Paulo dos 3 a 1 das finais dos campeonatos paulistas de 1957 e de 1998. Aquele São Paulo bicampeão da Libertadores! Aquele São Paulo bicampeão do mundo!



GOAL!



**É Tricolor, É Tricolor,
Olê, Olê, Oláá!!!**

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ